

Diz aí, Economista!

Adriano Lopes Almeida Teixeira



Professor de Economia do Departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Espírito Santo (1993), mestrado em Economia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2003) e Doutorado em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014), com período sanduíche em School of Oriental and African Studies.

1) O escritor, psicanalista e professor Rubem Alves, autor de livros religiosos, educacionais, existenciais e infantis, é considerado uma das principais referências no pensamento sobre educação e tem uma bibliografia que conta com mais de 160 títulos distribuídos em 12 países. Foi um dos mais ilustres, isso para dizer o mínimo, provocadores de nossos

tempos. No ano de 2015, foi homenageado na Ufes com a outorga do título honorífico Doutor Honoris Causa concedida (in memoriam) pelo então reitor Reinaldo Centoducatte e pela vice-reitora Ethel Maciel na UFES. Assim como Rubem Alves, além de professor, o senhor também se apresenta como pastor. Quais embates, barreiras e pontes que o ministério pastoral e o cargo de docente, principalmente no que tange à disciplina de Economia Política, lhe propõem nos tempos atuais?

R: Essa pergunta revela uma certa estranheza das pessoas quanto ao fato de um acadêmico, ou cientista, carregar paralelamente à sua vida profissional uma militância de fé. A questão subjacente é sobre a possibilidade de conciliação das duas trajetórias, um problema que a meu ver não existe por si só, mas que pode ser criado dentro do universo interior de cada indivíduo. Acho Rubem Alves um excelente ponto de partida para a questão aqui posta. Grande referência para todos nós, tanto pela vida intelectual fecunda que teve quanto pelo seu intenso ativismo social, ele viveu intensamente aquilo que arrisco chamar aqui de “problema da conciliação”, que, como já sugeri acima, entendo ser um falso problema, e que, no caso dele, foi amplamente alimentado por aqueles com quem ele convivia no campo

religioso. Se ele próprio contribuiu para o problema existir, acho difícil julgar, por entender que a fé de cada um é algo inescrutável. Mas, insisto na ideia de ser um falso problema por acreditar que o Evangelho não tem a missão precípua de melhorar nossa vida terrena. Jesus disse que o reino dele não era deste mundo, além de, em diversas passagens, deixar claro que estaríamos livres para decidir sobre as questões correntes da vida. Isto não significa que a Bíblia não tenha conselhos para a vida prática ou que devamos viver alheios aos compromissos e deveres como cidadão, profissional, pai, filho, esposo etc, não significa também enxergar total dissociação entre fé e vida terrena.

Quando a Bíblia diz que “a fé sem as obras é morta”, ela preconiza a necessidade da fé gerar frutos neste mundo mesmo. Porém, a ordem aqui é fundamental. Não são as obras que geram ou que fortalecem a fé. As obras, mesmo que sem fé, não deixam de ser algo admirável, mas, em si mesmas, não têm relação alguma com o sentido maior do Evangelho, que é preparar o homem para uma vida que vai além da terrena. Jesus não teria se dado a todo aquele trabalho apenas para nos prover bem-estar social. Talvez, aqui, eu vá chocar alguns ao dizer que, de forma alguma, estarei mais perto de Deus por ser um ativista social, embora entenda a preocupação com o ser humano e a ação efetiva em favor dos mais necessitados. Uma boa prática social como consequência da fé é algo irrefutável do ponto de vista bíblico. E diria, ainda, que a fé não colide com uma perspectiva revolucionária.

Entender o contrário seria pura resignação. Por tudo isso, sempre enxerguei a Economia Política como ela é: ciência desta e para esta vida apenas, instrumental poderoso para compreender a forma de ser de uma sociedade extremamente complexa, como é a capitalista. Sempre tive curiosidade de entender o porquê do mundo ser como é. Não me bastavam as respostas formuladas pela ciência econômica convencional para explicar os movimentos da superfície. Nesse sentido, acho bastante útil a explicação dada por Marx sobre o objetivo maior de suas pesquisas, que era entender a anatomia da sociedade burguesa. Mesmo para quem vá atuar apenas na superfície, entender a anatomia, o interior e as conexões internas me parece fundamental para prática profissional do economista em qualquer área que esteja.

Quando querem conciliar a teoria de Marx ou qualquer outra visão teórica com a fé, o falso “problema da conciliação” reaparece.

2) Tomemos como ponto de partida a “sociedade tecnológica” que vivenciamos hoje, sendo esta como aquela posta pelo filósofo, sociólogo e teólogo Jacques Ellul (1912-1994), em que os meios não mais justificam os fins devido a prevalência de medidas técnicas implantadas na forma como interagimos e vivemos. Tais medidas, tão marcadas pelo caráter mais evidente do sistema econômico capitalista, o lucro, nos fornece uma nova “tradição” que representa perfeitamente esse caráter de fim em si mesmo, a inovação. Ao seu ver, esse contexto da “sociedade tecnológica”, em que a liberdade se esmaece em função do relógio,

dos dados, das previsões, da utilidade, da “razão” e, principalmente, do lucro, é algo consolidado ou o senhor ainda vê possibilidades de um viver mais imprevisível e saudável – visto que essa nova tradição traz efeitos colaterais, como da condição “FOMO” (Fear Of Missing Out, “medo de ficar de fora” em tradução livre), que afeta consideravelmente a qualidade de vida do ser humano contemporâneo –, fora deste ciclo de créditos, no qual depositamos toda a nossa confiança, assim como nossos deveres, desde o dia em que nascemos?

R: Soa com certa imprecisão a afirmação de que a inovação é um fim em si mesmo. De fato, não faz sentido a inovação pela inovação. Na sociedade capitalista, ela é consequência inescapável da busca pelo lucro ou, num sentido mais geral, dos movimentos de valorização do capital. Entender esta categoria, o capital, como uma força que nos sujeitou aos seus ditames é fundamental para deixarmos de continuar contemplando fenômenos contemporâneos como se fossem naturais e indecifráveis. Não foi a tecnologia que nos dominou, foi o capital! A tecnologia está a serviço dele. E, aqui, convoco novamente a Economia Política para dizer que, embora a “FOMO” tenha aspectos que ultrapassam o econômico, ela está, em certa medida, associada a um fenômeno que desde os primórdios do capitalismo mostrou-se estrutural e permanente, a saber, o que se conhece como exército industrial de reserva. Estamos tão subordinados a essa forma de vida, que o “fear of missing out”, ou “medo de ficar

de fora” aparece para muitos como problema que por alguns momentos se atenua com a conquista de uma boa colocação no mercado de trabalho. Naturalmente, a luta para manter o que já conseguiu tende a recrudescer a “FOMO”, o que reforça mais um aspecto contraditório do capitalismo. Acredito na tecnologia como um processo irreversível, do qual não podemos prescindir, mas que não tem compromisso algum com a provisão de uma vida mais saudável. Ela é uma espécie de contradição em processo, que melhora e degrada ao mesmo tempo a vida do ser humano, além de tornar nossos movimentos cada vez mais monitoráveis e previsíveis.

3) A popularização de conteúdos cada vez mais curtos, como vídeos do tiktok, dentro do mundo do entretenimento, é uma entre as várias formas de agilização do cotidiano que observamos nos últimos séculos. Aos poucos, tarefas mais lentas têm sido eliminadas até mesmo do nosso lazer por não serem compatíveis com a velocidade do acúmulo de capital. Na sua visão, essas novas formas de aceleração do cotidiano, trazidas pelo capitalismo, são naturais à nossa busca por praticidade ou não passam de mais uma forma de exploração do trabalho? Quais as consequências dessa aceleração na nossa sociedade?

R: Há quem arrisque dizer que as redes sociais e as diversas ferramentas de transmissão rápida de pequenos conteúdos impactarão não apenas a criatividade e o livre pensar enquanto comportamentos sociais, mas também a nossa própria estrutura cerebral. Parece ser ainda

cedo para ter certeza das consequências gerais, mas já testemunhamos hoje em dia uma resistência muito forte à leitura de livros mais extensos ou de grandes clássicos. Conteúdos que requeiram mais tempo de leitura e mais esforço geralmente são adiados para um futuro que nunca chega, caminhando para se tornar uma prática impensável para as novas gerações, com contornos de tortura. Não podemos reduzir a explicação desses processos a causas econômicas apenas, mas está claro que a aceleração do ritmo de tudo não se dá no vazio, sem o suporte de conglomerados gigantes, que muitas vezes mantêm grandes investimentos em pesquisa e tecnologia mesmo sem lucratividade imediata. Mas, são esses movimentos que vão abrir espaços no mercado, através da consolidação de práticas, hábitos e produtos para garantir a apropriação de lucros futuros. Cria-se um círculo vicioso, pois aquilo que inicialmente parece um facilitador da nossa vida cotidiana vai requerer, em momento subsequente, novas facilitações. Na forma como a sociedade atual está estruturada, nós não apenas não temos como fugir disso tudo, como até contribuimos para a exploração do nosso próprio trabalho.

4) Em março de 1985, a atriz Fernanda Montenegro recebeu um convite do ex-secretário da Cultura de Minas Gerais, que posteriormente foi governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, para assumir o cargo principal no então recém-criado Ministério da Cultura. A atriz negou o convite com uma carta justificando sua escolha, em que chama atenção o

seguinte trecho ``Pobre do país, cujo governo despreza, hostiliza e fere os seus artistas. E finaliza: ‘Esse Brasil acabou’ ” . O senhor vê paralelos da fala da artista com aquela conjuntura e o cenário econômico e político vigente? Além disso, o senhor vê alguma saída desse cenário?

R: Difícil não lembrar do episódio ocorrido com a atriz Regina Duarte, também convidada recentemente para assumir posto equivalente ao que foi oferecido à atriz Fernanda Montenegro naquela época, e não associar com a famosa frase de Marx no 18 de Brumário de Luís Bonaparte de que “a história se repete; a primeira como tragédia, a segunda, como farsa”. Se foi trágico lá atrás, hoje vivemos uma farsa completa. Ali, em março de 1985, estávamos nos encaminhando para o fim do regime militar e a retomada da democracia. Ou seja, havia esperança! Teríamos como presidente José Sarney, alguém que, admiremo-lo ou não, era um intelectual e político que, sob certo ponto de vista, esboçava naquele momento as condições mínimas para ocupar o posto. Quando comparamos os governos anteriores ao que se findou em 2022, passamos até a nutrir por aqueles uma admiração que não tínhamos. Tenho escutado, por exemplo, comentários elogiosos ao presidente Michel Temer feitos por pessoas que o abominavam. Estamos na expectativa de que, com o novo governo que se inicia, novos ventos soprem nos campos da diversidade cultural brasileira.